



**Kelly Cristina Campones**  
(Organizadora)

# **A Interlocução de Saberes na Formação Docente 3**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Kelly Cristina Campones  
(Organizadora)

# A Interlocução de Saberes na Formação Docente 3

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
I61	A interlocução de saberes na formação docente 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Kelly Cristina Campones. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Interlocução de Saberes na Formação Docente; v. 3)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-534-1 DOI 10.22533/at.ed.341191408  1. Educação – Estudo e ensino – Avaliação. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Campones, Kelly Cristina. II. Série. CDD 370.71
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Compreende-se que a formação de professores é uma área de pesquisa abrangente e de longa data, que vem apresentando grandes desafios: seja nas políticas públicas envolvidas, seja nas experiências adquiridas durante seu período de formação e/ou na compreensão sobre a consciência desse processo, no que tange a apropriação de saberes necessários à inserção na docência.

Neste sentido, a obra: “A interlocução dos saberes na formação docente” foi organizado considerando as pesquisas realizadas nas diferentes modalidades de ensino bem como, nas suas interfaces ligadas na área da saúde, inclusão, cultura, entre outras. Aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu I volume, apresenta, em seus 24 capítulos, as pesquisas relativas à Educação Infantil e o Ensino Fundamental I e II .

O volume II, composto por pesquisas relativas ao Ensino Superior perpassando pelo ensino da Educação de Jovens e Adultos , educação profissional e inovações e no seu terceiro volume, aspectos da formação de professores nas tratativas de inclusão bem como, a importância do papel do coordenador(a) e algumas práticas profissionais considerando a relação cultural como fator preponderante no desenvolvimento das práticas educacionais.

Cabe aqui apontar que, os diferentes saberes fundamentam o trabalho dos professores e pode se estabelecer a partir de um processo de enfrentamento dos desafios da prática, resultante em saberes, entretanto pode também ser resultado das resistências.

As suas relações com a exterioridade fazem com que, muitas vezes, valorizem-se muito os saberes experienciais, visto que, as situações vividas podem até ser diferentes, todavia guardam proximidades e resultam em estratégias e alternativas prévias para outras intercorrências.

A mediação entre as práticas de ensino docente frente às atividades propostas adotadas é envolta em uma dinâmica da sala de aula e por consequência na obtenção do conhecimento. Esse “[...] processo dinâmico, contraditório e conflituoso que os saberes dessa prática profissional são construídos e reconstruídos”. (ROMANOWSKI, 2007, p.55)

Aos autores dos diversos capítulos, pela dedicação e esforços sem limites, que viabilizaram esta obra que retrata pesquisas que nos leva ao repensar das ações educacionais, os agradecimentos dos Organizadores e da Atena Editora.

Por fim, esperamos que as pesquisas aqui descritas possam colaborar e instigar mais estudantes e pesquisadores na constante busca de aprofundar e/ou buscar inovar na área da interlocução dos saberes na formação docente e, assim, possibilitar sobre os aspectos quantitativos e qualitativos a busca constante das melhorias da formação docente brasileira.

Kelly Cristina Campones

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES OUVINTES PARA O ENSINO BILÍNGUE (LIBRAS/PORTUGUÊS) DE CRIANÇAS SURDAS NAS ESCOLAS INCLUSIVAS	
Vanessa Cristina Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3411914081</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: O ENSINO DE MATEMÁTICA PARA ALUNOS SURDOS	
Dayla Costa Guedes	
Fernanda Milla Silva Araújo	
Ana Telma Silva Miranda	
Dea Nunes Fernandes	
Letícia Baluz Maciel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3411914082</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
DEMANDAS E DESAFIOS NO TRABALHO COM COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BAIXO AMAZONAS – NEABI-IFAM/CPA	
Manoel Ferreira Falcão	
Artemis de Araújo Soares	
Thiago Fernandes	
Elaine Barbosa Amazonas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3411914083</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ATENDIMENTO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA	
Adriana Cristina de Lima Oliveira	
Roseli Albino dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3411914084</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
POVO NAMBIKWARA KATITAURLU: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA LUTA PELA EDUCAÇÃO ESCOLAR EM SEU TERRITÓRIO	
Rilane Silva Reverdito Geminiano	
Marcelo Augusto Totti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3411914085</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>59</b>
ATIVIDADES DIDÁTICAS COMO FERRAMENTA AUXILIADORA NO ENSINO E INCLUSÃO DE LIBRAS NO AMBIENTE ESCOLAR	
Yannka Miranda dos Santos	
Alana Cavalcante da Silva	
Wangra Maria Folha Rodrigues	
Pamela Alves de Paula	
Saronne Caroline Pereira de Sousa	
Aline Mendes Medeiros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3411914086</b>	

**CAPÍTULO 7 ..... 66**

EDUCAÇÃO SEXUAL, PSICANÁLISE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A VIOLÊNCIA SEXUAL INTRAFAMILIAR E SEU IMPACTO NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Giseli Monteiro Gagliotto  
Tailize Manarin  
Luana Cristina Couss  
Franciele Lorenzi

**DOI 10.22533/at.ed.3411914087**

**CAPÍTULO 8 ..... 75**

FONOAUDIOLOGIA E FORMAÇÃO DOCENTE: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO ENTRE OS SABERES

Daniella Thaís Curriel  
Vera Lúcia Blum

**DOI 10.22533/at.ed.3411914088**

**CAPÍTULO 9 ..... 86**

GRUPO DE PESQUISA AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO EM FISIOTERAPIA NEUROFUNCIONAL: PROPOSTA DIDÁTICA DE ARTICULAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS DE FISIOTERAPIA

Josiane Lopes  
Suhaila Mahmoud Smaili

**DOI 10.22533/at.ed.3411914089**

**CAPÍTULO 10 ..... 98**

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS NO CONTEXTO REAL DO ESTÁGIO EM FISIOTERAPIA NEUROFUNCIONAL

Josiane Lopes

**DOI 10.22533/at.ed.34119140810**

**CAPÍTULO 11 ..... 108**

CONCEPÇÕES DE DISCENTES DE ESPECIALIZAÇÕES EM SAÚDE SOBRE A ÉTICA NA ÓTICA DE UMA DOCENTE

Rose Manuela Marta Santos  
Tatiana Almeida Couto  
Nathalie Oliveira Gonçalves  
Rafael Moura Oliveira  
Thaís Reis Silva  
Sérgio Donha Yarid

**DOI 10.22533/at.ed.34119140811**

**COORDENADORES, FORMAÇÃO E PRÁTICA**

**CAPÍTULO 12 ..... 120**

REFLEXÕES DAS NARRATIVAS DE FORMAÇÃO COM COORDENADORES PEDAGÓGICOS – CEFAPRO SINOP/MT

Glades Ribeiro Mueller  
Reginaldo da Costa

**DOI 10.22533/at.ed.34119140812**

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>128</b>
O PAPEL DO COORDENADOR ESCOLAR NAS DIMENSÕES DEMOCRÁTICA E PEDAGÓGICA: IMPACTOS NA FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE	
Rozilda Pereira Barbosa Maria Jozileide Bezerra de Carvalho Valquíria Soares Mota Sabóia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34119140814</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>137</b>
PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR, SUBJACENTE AO ROMPIMENTO DOS LAÇOS AFETIVOS NA INFÂNCIA, SOB A ÓTICA PSICOPEDAGÓGICA	
Neide Faixo dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34119140815</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>150</b>
QUESTÕES DA PRÁTICA DOCENTE: FAZENDO COMPREENSÕES EM FREIRE E GERALDI	
Gisele da Silva Santos Mariane de Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34119140816</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>158</b>
A SEDUÇÃO NO DISCURSO COMO EFEITO ANALISADOR: PRÁTICAS DE LIBERDADE NA ESCOLA VIVA	
Lucas Raphael Vazzoler Freitas Magalí Paraguassú Posse Pollyana Paraguassú Posse Guarçoni Marilene Dilem da Silva Lívia Dilen da Silva Cláudia Aparecida Vieira Pinheiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34119140817</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>171</b>
A TEORIA DO ENSINO DESENVOLVIMENTAL: O PAPEL DO PROFESSOR NA ESTRUTURAÇÃO E APLICAÇÃO DE ATIVIDADES DE ESTUDO	
Kliver Moreira Barros Duelci Aparecido de Freitas Vaz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34119140818</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>181</b>
ADESTRAMENTO E EDUCAÇÃO EM WITTGENSTEIN: UMA POSSIBILIDADE FRENTE ÀS INCERTEZAS DO CONSTRUTIVISMO	
Carolina Fragoso Gonçalves Lenilson Alves dos Santos Thiago Fragoso Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34119140819</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>189</b>
A SEQUÊNCIA DE FIBONACCI E A RAZÃO ÁUREA	
Renata Lúcia Sá Moreira Givaldo Oliveira dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34119140820</b>	



<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>200</b>
MEDIÇÃO DE CONFLITOS NAS RELAÇÕES EDUCATIVAS: REVISÃO DE LITERATURA PARA A CONSTRUÇÃO DE PROJETOS PEDAGÓGICOS COMO INSTRUMENTO PARA A CULTURA DE PAZ	
Silvana Soares	
Maria Cristina Marcelino Bento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34119140821</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>209</b>
AS EXPERIÊNCIAS NO PROCESSO FORMATIVO/REFLEXIVO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA FORMAÇÃO INICIAL	
Fábio da Penha Coelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34119140822</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>218</b>
INVESTIMENTO EM CULTURA, BENS CULTURAIS E DESEMPENHO ESCOLAR: A CONFIGURAÇÃO DESSA RELAÇÃO	
Luciana Soares da Costa	
Maria Aparecida Gomes Vieira	
Eveline Borges Vilela-Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34119140823</b>	
<b>CULTURA</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>224</b>
CAPOEIRA COMO ESTRATÉGIA EDUCACIONAL	
Jonathas de Albuquerque Costa	
Laryssa Gabryelle Batista Ferreira da Silva	
Olivia da Silva Honorio	
Tereza Luíza de França	
Maria Aída Alves de Andrade	
Luana Freire Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34119140824</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>233</b>
ANALISAR À LUZ DA TEORIA DE PIAGET A PRODUÇÃO DE SABÃO EM BENEFÍCIO DO MEIO AMBIENTE NA ESCOLA ESTADUAL JK NO MUNICÍPIO DE VAZANTE-MG	
Ângelo Gomes de Melo	
Cátia Caixeta Guimarães Reis	
Ronaldo Martins Borges	
Marli Rodrigues da Fonseca	
Cleide Sandra Tavares Araújo	
Marcelo Duarte Porto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34119140825</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>244</b>

## A SEDUÇÃO NO DISCURSO COMO EFEITO ANALISADOR: PRÁTICAS DE LIBERDADE NA ESCOLA VIVA

### **Lucas Raphael Vazzoler Freitas**

Centro Universitário São Camilo ES  
Cachoeiro de Itapemirim – Espírito Santo

### **Magalí Paraguassú Posse**

Centro Universitário São Camilo ES  
Cachoeiro de Itapemirim – Espírito Santo

### **Pollyana Paraguassú Posse Guarçoni**

Faculdade Multivix  
Vitória – Espírito Santo

### **Marilene Dilem da Silva**

Centro Universitário São Camilo ES  
Cachoeiro de Itapemirim – Espírito Santo

### **Lívia Dilen da Silva**

Centro Universitário São Camilo ES  
Cachoeiro de Itapemirim – Espírito Santo

### **Cláudia Aparecida Vieira Pinheiro**

Centro Universitário São Camilo ES  
Cachoeiro de Itapemirim – Espírito Santo

**RESUMO:** Este trabalho apresenta uma discussão provocativa acerca do modo de produção capitalista contemporâneo. Utilizamos o discurso escolar como analisador das práticas pedagógicas, a sedução seria um modo de ação micropolítica em diversos níveis, buscando constranger a vida em sua diferença, controlando os desvios e aniquilando o outro de alguma forma. Optamos em desenvolver rodas de conversa, com os alunos das séries finais

do ensino fundamental de uma Escola Estadual Integral localizada no sul do Espírito Santo. Os temas foram escolhidos pelos próprios discentes, podendo destacar: automutilação, *bullying* e suicídio. As psicólogas brasileiras Maria Helena Souza Patto e Ana Lucia Coelho Heckert contribuíram na discussão ao apresentar análises da educação brasileira na contemporaneidade, possibilidades de criação e mudança frente à biopolítica, como exercício de pensamento contestador nesse questionar da vida, impulsionando modos de vida mais éticos e que engendrem práticas de liberdade. Conclui-se que o próprio exercício da vida é um desafio, políticas de medo e preconceito conduziram a práticas de medicalização e judicialização da vida, tudo isso em nome de um certo modo hegemônico e legitimado de ser. Portanto, as análises apresentadas se inclinam no sentido de cuidar do outro, evocando um pensamento questionador e inerente aos processos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso, educação, escola.

THE SEDUCTION IN THE SPEECH AS  
ANALYZER EFFECT: FREEDOM PRACTICES  
AT ESCOLA VIVA

**ABSTRACT:** This work introduces a provocative

discussion about contemporary capitalist way of production. We use the school speech as analyzer of pedagogical practices, the seduction would be a micropolitics mode of action in a several levels, looking for embarrass life in its difference, it is controlling the deviations and annihilating the other in a some way. We opted in develop rounds of conversation, with the students of final series of elementary education from a State Integral School located in the south of Espírito Santo. The themes were chosen by the students themselves, which we can highlight: self-mutilation, bullying and suicide. The brazilians psychologists Maria Helena Souza Patto and Ana Lucia Coelho Heckert added to the discussion to present analysis of brazilian education in the contemporaneity, criation possibilities and change face to biopolitics, as an answering thought exercise about the question of life, impelling ways of life more ethical and that engenders freedom practices. It concludes that the exercise of life itself is a challenge, fear policies and prejudice has conducted medicalization practices and judicialization of life, all of it on behalf of a certain hegemonic way and legitimized of being. Therefore, the analisys shown lay on the sense to take care of the other, evoking a inquiring thinking and inherent to the processes.

**KEYWORDS:** Discourse, Education, School.

## 1 | INTRODUÇÃO

A escola contemporânea nasceu no final do século XVIII como um importante dispositivo social, surgiu, face às novas exigências que o contexto pedia, a população crescia ao mesmo tempo em que a inaptidão para o trabalho e a ociosidade assolava as massas. Dessa forma, o Estado começa a perceber a utilidade dos corpos (FOUCAULT; 1995, 2001).

A disciplina foi sendo criada como forma de organização social e mantenedora de uma ordem estabelecida, baseado nessa máxima, Foucault se utiliza do panóptico para pensar a organização disciplinar. A arquitetura escolar se assemelha com o convento, onde há quadriculamento individual, quebrando a coletividade e controlando o indivíduo sabendo onde está cada um, além da distribuição por redes de relação, cada “peça” na fila de produção, gerando economia de tempo, dessa forma, além de ser espaço para vigiar é também útil para a aprendizagem (FOUCAULT, 2001).

O panoptismo fabrica modos de vida frios, calculistas, onde o que importa é a produção, criando assim moldes fixos humanos através de um doce discurso sedutor. Essa sedução acontece através de ações micropolíticas com o objetivo de coagir a vida em sua diferença. Situação paradoxal onde assistimos processos para intensificar a vida acoplados com processos visando sua própria destruição (FOUCAULT, 2001; HECKERT; ROCHA, 2012).

O sistema educacional brasileiro é recente, não possuindo nem cem anos ainda, em sua origem, tal sistema foi baseado em concepções racistas e biológicas do humano, o resultado disso foi o total sucateamento das práticas. (PATTO, 2007).

Na sociedade de controle, percebemos uma intensificação do poder judiciário nas escolas públicas, através do Conselho Tutelar, tecnologia de biopoder, que por vezes, tendo um discurso ofensivo intimidador acaba por criminalizar a pobreza, forçando o aluno a permanecer ali, apagando sua história, quando na verdade, deveria fazer uma análise crítico-social das práticas instituídas (HECKERT et al., 2012; HECKERT; ROCHA, 2012).

Defendemos nesse trabalho a escola enquanto instituição de [para] formação intelectual, não de reprodução, mas de criação, oferecendo dessa forma um olhar mais sensível para as experiências singulares. Nosso objetivo não é fazer uma polêmica, mas traçar problematizações, pois de acordo com Foucault no texto ‘Polêmica, Política e Problematizações’ em Ditos e Escritos IV (1997, p. 591) “o polêmico [...] procede atrelado a privilégios que detém antecipadamente e que não aceita nunca pôr em discussão [...] diante dele não está um companheiro na busca da verdade, mas um adversário, um inimigo que errou, que é prejudicial e cuja existência constitui uma ameaça”. A problematização ao contrário é trazer os dados, a pesquisa e o diálogo reflexivo das partes envolvidas produzindo assim novos possíveis.

## 2 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 2.1 Disciplina, Escola e Sociedade: Um discurso que seduz

No cais ninguém prestou atenção nos recém-chegados, mesmo quando eles depositaram o ataúde para aguardar o barqueiro, que ainda manipulava os cabos; ninguém os olhou mais detidamente [...] (KAFKA, 2002, p. 66).

[...] Oliver Twist era um pirralho, amarelo como um defunto e singularmente magro. [...]

— Por que você chora? — perguntou o sujeito do colete branco.

Era realmente [extraordinário]; por que razão choraria Oliver?

— Creio que você não deixa de rezar todas as noites — disse outro sujeito —, e rezar como bom cristão, por aqueles que lhe dão de comer e de vestir...

— Sim, senhor — balbuciou a criança. [...]

Imediatamente estabeleceram como princípio que os pobres pudessem escolher (não se forçava ninguém) uma destas coisas: ou morrer de fome lentamente se ficassem no asilo, ou morrer de repente se saíssem para a rua (DICKENS; 1837, 2013).

A escola enquanto espaço pedagógico e disciplinar exerce grande importância na costura e molde das pessoas. As instituições de ensino moldam o comportamento das crianças, criando robôs humanos, geradores de lucro e riqueza. A missão de “instruir os povos” exerce autoridade moral, realizado por uma classe privilegiada para

uma pobre, dessa forma constituindo uma polaridade política e social. A educação oferecida ao menos privilegiado é aquela que vai de encontro à nova forma assumida pela produção: materialidade da riqueza. Controles sociais são então forjados para inibir [vagabundos] e evitar que se tornem depredadores da propriedade.

“Já estou rouca e olha que essa turma é a mais calma, é quarta feira, ainda está de manhã” [fala de uma professora da escola]. Fonte: Diário de Bordo dos Pesquisadores

A instituição escolar colabora no intuito de endireitar os [erros].

Ou seja, antes que estes necessitem de punição, a escola produz a ortopedia social, que corrige os sujeitos de suas facetas perigosas – ainda que virtuais. O saber, neste ponto, se organiza em torno da norma, daquilo que é normal ou não, do que se deve fazer ou não fazer. Essa forma de poder é [...] típica da sociedade disciplinar (MACHADO; FREITAS, 2004, p. 46).

Nessa perspectiva o discurso escolar de controle e serialização tem ressonância e encaixe numa perspectiva ocidental, capitalista e racional que não consegue dar conta do singular, apenas do indivíduo, sendo que a singularidade vem antes do conceito de indivíduo, por isso chamaremos esse discurso de sedutor.

A tendência atual é igualar tudo através de grandes categorias unificadoras e redutoras – tais como o capital, o trabalho, um certo tipo de assalariamento, a cultura, a informação – que impedem que se de conta dos processos de singularização [...]. Uma deriva geral dos modos territorializados de subjetivação ocorre por toda a parte. Tradições milenares de um certo tipo de relação social e vida cultural são rapidamente varridas do planeta. Todas as pretensas identidades culturais residuais são contaminadas. Todos os modos de valorização da existência e da produção encontram-se ameaçados no desenvolvimento atual das sociedades. Até os valores mais tradicionais, mais bem ancorados, como o trabalho, estão sendo minados por dentro pelas revoluções industriais. Se analisarmos com cuidado o que se passa com as pessoas que inventam semióticas ricas e personalizadas, como é o caso do candomblé, veremos que elas não são completamente impermeáveis e autônomas em relação aos modelos dominantes (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 48-9).

No livro “Diálogo com Paulo Freire”, de Torres (2003) ao perguntar a Freire sobre educação, o mesmo aborda a impossibilidade de haver neutralidade na educação e ainda cita as duas formas de se fazer educação, através da libertação ou através da domesticação.

Todavia, ao “esquecer” que cada aluno ao chegar à escola é fruto de múltiplas relações que o atravessam e coloca-lo a normas e regras estabelecidas, sem antes procurar entender essas relações, é acima de tudo, se valer de um discurso sedutor. Essa sedução no discurso é sutil e passa por vezes despercebida, ela se apresenta na padronização das práticas, situação mortífera, onde o singular passa a ser tratado como coletivo.

Embora Freud nunca tivesse escrito um tratado sobre educação, o mesmo não deixou de fazer severas críticas a educação de sua época, Millot (1987) no livro “Freud Antipedagogo”, nos faz lembrar que o criador da psicanálise em um primeiro momento da elaboração da teoria psicanalítica, havia percebido que a educação

tinha um caráter patogênico, gerador de neurose.

Em 1910, o próprio Freud, percebendo o alto número de suicídios entre adolescentes, escreve o texto “Contribuições para uma discussão acerca do suicídio” onde confirma o fato da existência de uma educação que é muito mais domesticadora do que libertadora “Ela [escola] deve lhes dar o **desejo de viver** e devia oferecer-lhes apoio e amparo [...] parece-me indiscutível que as escolas falham nisso” (p. 243, grifo nosso).

A literatura é uma importante ferramenta de mudança e transformação. O romance *Oliver Twist* do escritor Charles Dickens nos provoca ao abordar a situação da delinquência infantil, provocada pelas condições precárias da Inglaterra do século XIX, em plena era vitoriana, o personagem título ficou órfão, foi para um orfanato, à comida era precária, não havia tempo de carinho, beijos e palavras bonitas. Em certo momento, Oliver, fraco e sem forças, ao pedir mais mingau de aveia a seus cuidadores, foi repreendido e expulso do orfanato, com apenas dez anos de idade (DICKENS; 1837, 2013).

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) [...] a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (FOUCAULT, 2001, p. 119).

É nessa perspectiva que devemos entender a sociedade disciplinar, uma vez que, mediante a esse termo Foucault afirmou a característica produtora das relações de poder que a partir do século XVIII colaboraram com várias instituições, expandindo-as, e produzindo certos tipos de sociedade.

Partindo dessa premissa temos a figura do panóptico, ideia concebida pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham. O panóptico seria o tipo de prisão ideal, onde o vigilante poderia ver o preso, e toda a sua movimentação, a todo o momento. Dessa forma o indivíduo iria sentir-se constantemente vigiado, para Foucault (1995, 2001) a arquitetura dos dispositivos sociais de controle (escola, orfanato, prisão, hospital, fábrica) foi concebida na noção de Bentham.

O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar (FOUCAULT, 2001, p. 165-166).

Foucault (2001) deixa implícita a ideia de que o homem moderno nasceu no século XVIII, com esta vasta rede de produção da docilidade humana, nos mais variados dispositivos sociais, a começar na escola. Os procedimentos coercitivos utilizados nas prisões são exemplos de padrões da normalidade estabelecidos pela

sociedade.

Pouco a pouco – mas principalmente depois de 1762 – o espaço escolar se desdobra; a classe torna-se homogênea, ela agora só se compõe de elementos individuais que vêm se colocar uns ao lado dos outros sob os olhares do mestre. A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente. E nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra; ele se desloca o tempo todo numa série de casas; umas ideais, que marcam uma hierarquia do saber ou das capacidades, outras devendo traduzir materialmente no espaço da classe ou do colégio essa repartição de valores ou dos méritos. Movimento perpétuo onde os indivíduos substituem uns aos outros, num espaço escondido por intervalos alinhados (FOUCAULT, 2001, p. 125-126).

Essa sedução no discurso ocorre simultaneamente com a noção de disciplina nos aparelhos escolares, se a disciplina produz o elo coercitivo de corpos submissos e exercitados, o discurso que se apresenta depois é o da homogeneidade, cada discente condicionado a falar, sentar, levantar, pensar da mesma forma, não levando em consideração o potencial criativo, vivências de cada um, tornando-os sujeitos reprodutores das fórmulas e regras geridas naquele espaço.

## 2.2 A experiência das rodas de conversa: Práticas de liberdade

Cada luta se desenvolve em torno de um foco particular de poder... E se designar os focos, denunciá-los, falar deles publicamente é uma luta, não é porque ninguém ainda tinha tido consciência disto, mas porque falar a esse respeito – forçar a rede de informação institucional, nomear, dizer quem fez, o que fez, designar o alvo – é uma primeira inversão de poder, é um primeiro passo para outras lutas contra o poder (FOUCAULT, 1995, p. 75-76).

... se os homens são estes seres da busca e se sua vocação ontológica é humanizar-se, podem, cedo ou tarde, perceber a contradição em que a 'educação bancária' pretende mantê-los e engajar-se na luta por sua libertação. Um educador humanista, revolucionário, não há de esperar esta possibilidade. Não fazemos esta afirmação ingenuamente. Já temos afirmado que a educação reflete a estrutura do poder, daí a dificuldade que tem um educador dialógico de atuar coerentemente numa estrutura que nega o diálogo. Algo fundamental, porém, pode ser feito: dialogar sobre a negação do próprio diálogo (FREIRE, 1970, p.70-1).

Pra Foucault não existe liberdade e sim práticas de liberdade, desenvolveu sua teoria pensando em Nietzsche, onde bem e mal são parâmetros morais que devem ser superados, não existe a face má que nos torne bons. Sendo assim, é possível criar estratégias para driblar o capitalismo, criando possíveis [práticas] de liberdade. Esse é o principal desafio na maquinaria escolar!

Retomando as análises de Foucault (1999), eis que ao final de sua vida ao escrever 'História da Sexualidade', procurou fugir de uma compreensão do poder

como sendo somente dominação, o indivíduo não é alvo passivo de relações de poder. Ele associou o poder disciplinar com o bio-poder ou biopolítica, este, diferente das disciplinas é composto pelo corpo de forças ao nível da espécie humana.

Ao que essa nova técnica de poder não disciplinar se aplica é – diferentemente da disciplina, que se dirige ao corpo – a vida dos homens, ou ainda, se vocês preferirem, ela se dirige não ao homem – corpo, mas ao homem vivo, ao homem ser vivo; no limite, se vocês quiserem, ao homem – espécie. Mais precisamente, eu diria isto: a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. E, depois, a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc [...] (FOUCAULT, 1999, p. 289).

Esse conceito se caracteriza pelos atravessamentos, o que se afirma na diferença entre o pertencente às camadas mais altas e o pertencente às camadas mais baixas.

**As pessoas não são iguais!**

Estratégias da vida e do viver se instalam de modos diferentes no humano, enquanto uns recebem mais oportunidades, outros são aniquilados.

Diferente do poder soberano, no biopoder deixa-se morrer, para fazer viver alguns, isto é, em nome de um certo modo de vida (hegemônico e, portanto, legitimado) “autoriza-se” o extermínio daqueles que podem ameaçá-lo. Deixar morrer, dessa forma, pode se referir tanto ao não provimento de melhores condições de vida para uma parcela da população, quanto ao extermínio propriamente dito. Nesse caso, é possível afirmar que se trata de uma prática de fazer morrer, mais do que deixar morrer. Assim, não é qualquer população que pode ser descartada. Existe um processo histórico e cada vez mais intenso de produção de classes perigosas que podem, então, ser eliminadas pelo bem restante. Tal artifício tem sido construído vinculando-se a população pobre à noção de perigo e/ou ameaça (LACAZ; ROMANIO; GOTARDO; HECKERT, 2012, p. 13).

É preciso parar de criminalizar professores e/ou alunos por conta dos eventuais problemas que ocorrem no cenário escolar, analisando as situações antes não pensadas, não faladas, que estão represadas pelo modelo e, portanto produzindo a precariedade na educação. Nessa perspectiva Patto (2007) faz pertinentes considerações.

A CONSCIÊNCIA da precariedade da escola oferecida às crianças das classes populares – uma escola que, como regra, não garante mais nem mesmo alguma capacidade de ler e escrever – tornou-se de domínio público. A cada publicação de resultados de pesquisas dos níveis de aprendizagem das matérias escolares de alunos da rede pública brasileira de ensinos Fundamental e Médio que confirmam o desastre, surgem editoriais e reportagens na mídia que denunciam o estado de coisas vigente. Usuários dessa escola, com os quais convivemos no cotidiano, referem-se com frequência a filhos ou parentes que estão nas últimas séries do Ensino Fundamental ou mesmo no Ensino Médio e mal conseguem ler. Alunos e ex-alunos do Ensino Médio regular ou Supletivo falam do quase nada que lhes é ou foi ensinado. Entrevistados sobre o assunto, políticos e especialistas não raro responsabilizam usuários e professores (PATTO, 2007, p. 243).



O [território] escolar é cheio de peripécias! Tendo toda essa compreensão a respeito do funcionamento da maquinaria escolar, um grupo de acadêmicos do último ano do curso de Psicologia, realizou estágio obrigatório em duas linhas de pesquisa: saúde do trabalhador e práticas comunitárias na educação em uma escola estadual de regime integral localizada no sul do Espírito Santo. Tais estagiários desenvolveram diversas atividades com a equipe docente e discente, podendo destacar: palestras, rodas de conversa, práticas corporais de relaxamento, oficinas.

É válido lembrar que a entrada da psicologia na escola objetiva práticas institucionais não podendo haver intervenções clínicas.

Sabendo da importância do trabalho psicológico dentro das escolas, é válido ressaltar que a presença deste profissional é muito solicitada pela classe educacional e famílias, no entanto, é ainda compreendido, como aquele que deverá tratar os alunos e devolver as salas de aula, ajustados. Porém, tal visão caracteriza intervenção clínica, essa prática deve ser abolida das escolas e revela a necessidade de matrizes solidificadas que fundamentem uma práxis institucional, deste profissional, tão requisitado e tão pouco compreendido (ANDRADA, 2005).

De acordo com o CFP (Conselho Federal de Psicologia) na resolução nº 02/01, destacamos as seguintes possibilidades de atuação do psicólogo escolar:

a) Aplicar conhecimentos psicológicos na escola, concernentes ao processo ensino-aprendizagem, em análises e intervenções psicopedagógicas; referentes ao desenvolvimento humano, às relações interpessoais e à integração família comunidade-escola, para promover o desenvolvimento integral do ser;

b) Analisar as relações entre os diversos segmentos do sistema de ensino e sua repercussão no processo de ensino para auxiliar na elaboração de procedimentos educacionais capazes de atender às necessidades individuais (CFP, 2001).

Os acadêmicos de Psicologia ficaram nesta escola estadual no período de março a novembro de 2018. Faziam a supervisão do estágio na faculdade com os professores do curso. Das atividades desenvolvidas, o foco deste artigo é argumentar sobre a experiência das rodas de conversa que foram realizadas com os alunos das séries finais do ensino fundamental.

As rodas aconteceram no horário das aulas com agendamento antecipado, duravam cerca de 50 minutos. E quando estavam nas rodas não eram obrigados a falar, apenas se quisessem. Os temas dessas rodas foram escolhidos pelos próprios alunos. Nada era imposto, a única regra era ter respeito às falas do colega.

Nas turmas de sexto e sétimo anos o tema das rodas foi *bullying*.

O objetivo do estágio é promover [práticas] de liberdade, engendrando novas formas de invenção e criação. Estamos cientes da dificuldade, a tendência do capitalismo é igualar! É preciso deixar o fluxo acontecer, não pode parar no simbólico!

Tendo por base a temática *bullying*; trouxemos reportagens sobre o assunto como disparadores iniciais, cada grupo ficou com uma reportagem e em seguida numa plenária deveriam discorrer sobre tal assunto. Foi interessante que os alunos

começaram a falar de experiências pessoais. Gritos começam a ser “ouvidos”. Foi emocionante!

Nas turmas de oitavo e nono anos o tema das rodas foi automutilação e suicídio, lembrando que todos esses temas foram escolhidos pelos próprios alunos.

Entretanto ao nos depararmos com tais temas, percebemos que eles estão intimamente relacionados com o corpo.

Em supervisão, na faculdade, estudamos essas questões tendo como pergunta provocadora “o que pode um corpo?”.

Nessa perspectiva fizemos uma linha do tempo, estudando a crise nas instituições disciplinares e a dificuldade da escola em perceber esse corpo que pulsa que fala que sente e que acima de tudo é singular.

A tão sociedade disciplinar postulada por Foucault está em transição para a sociedade de controle, termo dado por Deleuze (2013) em seu *Post-scriptum* e desenvolvido mais profundamente por Hardt e também Hardt e Negri. Os muros das instituições estão desmoronando, com a falta dessas barreiras, o controle sob o comportamento se torna mais intenso e sutil, invisível e, portanto, descentralizado.

“Eu gosto da vigilância, nossa escola tem várias câmeras, acho que deveria ter câmeras na sala de aula também, entendo que pode haver punição de ambos os lados (aluno e professor) entretanto é um mal necessário” [fala de uma professora]. Fonte: Diário de Bordo dos Pesquisadores

Por sociedade de controle, Deleuze (2013) faz uma continuidade das análises de Foucault sobre os funcionamentos do poder na contemporaneidade, incorporando à disciplina foucaultiana a noção de controle permanente e multifacetado que vivemos atualmente. Controlar não se liga mais somente a noções de coerção e disciplina, mais sim de um controle sutil em diversos níveis, como o midiático, cultural e com grande ênfase no controle realizado por uma homogeneização subjetiva.

Dessa forma, controle inclusive do exercício da vida ao ar livre, onde alteram as antigas disciplinas e suplicam, cada vez mais, produções farmacêuticas inéditas, novas configurações familiares, avanço nas tecnologias de comunicação e informação, engenharia genética.

Na sociedade de controle os muros começam a desmoronar, essa questão não é tão simples assim, isso acontece quase que estrategicamente, mas ao mesmo tempo também temos vivido a reconstrução de diversos outros muros. O espaço da intimidade, necessário a leitura e escrita, vêm cada vez mais dando lugar a exposição, fator que induz ao isolamento e robotização das práticas, diminuindo a sensibilidade (DELEUZE, 2013).

A vida volta-se para uma época de assujeitamentos econômicos, políticos e subjetivos, pautados pela determinação do produto, de sua venda e de seu mercado. As organizações, neste regime, são essencialmente dispersivas e caracterizam--se sob a forma de empresa; primam pela busca da eficiência e do controle feito a céu aberto, pulverizado em diversas direções (MACHADO; FREITAS, 2014, p. 50).

Um muro que está sendo erguido atualmente entre os adolescentes é a automutilação, o que leva um aluno a se mutilar?

Na atualidade, a vida humana se tornou uma espécie de Big Brother, George Orwell se aproximou de diversas vivências contemporâneas ao escrever “1984” livro escrito originalmente no ano de 1948, o autor coloca uma sociedade em que o governo controla estritamente a informação. O livro é considerado uma distopia, tendo como cenário uma sociedade governada pelo totalitarismo do Partido, onde os fatos são distorcidos e impera censura e vigilância constante na população (ORWELL, 2009).

De uma maneira geral as rodas nos proporcionaram importantes reflexões acerca do viver contemporâneo, nessa sociedade de controle, da rapidez, do capitalismo. Os alunos se mostraram satisfeitos com essa experiência e colocaram a necessidade de haver mais momentos como esses, ou seja, espaços de escuta com [liberdade].

Na verdade a experiência das rodas de conversa nos colocou diante de dois muros; a complexa diferença entre ensino público/privado e as questões pessoais trazidas pelos alunos. O que fazer diante de tal realidade?

Patto (2007) mais uma vez traz uma importante reflexão, acerca do ensino público brasileiro contemporâneo.

O que queremos é sublinhar a regra: a improdutividade dos ensinos Fundamental e Médio como principal produto da escola pública, há muito apontada na literatura especializada, atingiu proporções inaceitáveis. Nesse terreno, criam-se bolsas-família que têm como exigência a obrigatoriedade de frequência à escola das crianças das famílias beneficiadas, não importa a qualidade do ensino oferecido, e crescem programas educativos desenvolvidos por organizações não-governamentais que não concebem a educação como direito à formação intelectual – ou seja, à informação que fundamenta a reflexão e mobiliza a práxis –, mas ensinam, em chave assistencialista e à guisa de “inclusão social”, passos de capoeira, noções de algum esporte, padaria e confeitaria, arremedos de artesanato, às vezes nos próprios prédios escolares. Tais programas em geral promovem formas de “inclusão marginal”, não raro de natureza perversa. Paralelamente cresce uma rede de empresas privadas de Ensino Superior, de ingresso fácil e de qualidade duvidosa, recentemente beneficiadas pelo governo federal por meio do Pró-Uni (PATTO, 2007, p. 244).

Na verdade, percebemos que a escola pública contemporânea tem se tornado um espaço planejado de gestão da vida e dos riscos. Ela é postulada por políticas governamentais alçadas em boa parte dos casos sem contato e interlocução com os professores, alunos e família. Situa-se entre discursos de cidadania, práxis de compromisso social e assistencial objetivando remição de inúmeras deficiências (HECKERT; ROCHA, 2012).

A medicalização e a criminalização da vida tem assolado a escola de hoje, com isso a ida do Conselho Tutelar nas instituições educacionais vem crescendo.

Esta judicialização tem se caracterizado pela expansão da ação da justiça no território da escola, com o aparato jurídico sendo acionado para intervir em conflitos que emergem no chão da escola e/ou para esclarecer dúvidas, muito mais quanto aos deveres não cumpridos do que com relação aos direitos sociais

não garantidos. A lógica judicial passa a permear o cotidiano escolar, ofertada e requisitada, principalmente, para manter a ordem. Utilizando-se de ameaças de punição, intensifica-se a criminalização de ações que interrogam as práticas instituídas, forjando-se políticas do medo e do controle do suposto risco social. Neste processo de judicialização vemos que o foco das ações tem incidido em ações consideradas como da ordem da indisciplina e da violência (HECKERT; ROCHA, 2012, p. 90).

A criminalização escolar pode ser entendida como o criminalizar a pobreza, o “diferente”, ou seja, aquele que não se adapta a um poderio estabelecido. Para esse indivíduo, onde se deve fazer de tudo para elimina-lo, a pior educação é oferecida, para que ele não consiga pensar livremente, mas, de forma aprisionada e tudo isso através de um sedutor discurso (LACAZ; ROMANIO; GOTARDO; HECKERT, 2012).

O discurso afirmativo onde a indisciplina é vista como consequência de um quadro de desestrutura familiar é sedutor por que possui capacidade sagaz de enganar, para uma análise rápida da situação, ele é perfeito, não é necessário um trabalho mais profundo. Quando uma criança provoca atos de indisciplina, dificilmente aqueles ao redor param para ouvi-la se atendo nas relações que a permeiam, o foco geralmente se eleva a discurso medicamentoso, a sedução mais uma vez entra em ação.

“O Brasil figura como o segundo país de maior consumo de Ritalina (metilfenidato), psicotrópico largamente prescrito para tratamento do suposto transtorno de déficit de atenção e hiperatividade” (TDAH) (HECKERT; ROCHA, 2012, p. 89). Entendemos assim tal droga sendo oferecida como um ‘cala a boca’ ‘fica quieto’ ‘fica sentado’ ‘não me interessa o que você está sentindo’.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o discurso escolar, encontramos técnicas de sedução, sorratamente disfarçadas, escondidas em meio a normas e protocolos, não indo de encontro ao singular, mas do conjunto. O capitalismo não é apenas um sistema econômico, mas político, cultural, social. Percebemos jogos de interesse envolvidos em tudo isso.

Em tempos de dispersão, de explosão capitalística, os alunos contestam, tem dificuldade em aceitar o confinamento. Estamos na sociedade de controle, complemento a sociedade disciplinar. A medicalização tem se tornado uma forte aliada para a prisão esquadrihada, ao passo que o avanço das tecnologias de comunicação tem propiciado um aumento significativo no que tange a vigilância dos corpos acadêmicos, dando lugar a espaços abertos, conectados em redes.

Sabendo que as práticas dentro da escola estão majoritariamente em aspectos de reprodução de normas onde a invenção é represada pelo modelo, a experiência das rodas de conversa realizadas pelos acadêmicos de Psicologia propiciou a escuta de gritos que não eram ouvidos. Para que possamos pensar a escola enquanto

espaço de socialização, agradável e sensível para os atores envolvidos, o olhar ao singular se torna uma necessidade, a inserção do profissional da psicologia, atuando dentro das escolas, na melhoria do processo pedagógico é uma possibilidade. A educação deve ser a prioridade, uma vez que o humano do amanhã se encontra ali.

O trabalho em questão conclui-se numa crítica severa as noções clássicas tanto de sociedade, subjetividade e intervenção no campo da psicologia. Levando em conta análises ampliadas sobre a produção subjetiva no contexto capitalista atual, uma mudança de postura saindo de uma neutralidade científica para uma entrada política em nossas intervenções, bem como um desafio ético de analisar-intervir no real a partir dos acontecimentos analisadores.

## REFERÊNCIAS

ANDRADA, E. G. C. Focos de intervenção em psicologia escolar. *Psicol. Esc. Educ.*, Paraná, v.9, n.1, jun. 2005.

BRASIL. Resolução nº 02/01, de 10 de março de 2001. Altera e regulamenta a Resolução CFP no 014/00 que institui o título profissional de especialista em psicologia e o respectivo registro nos Conselhos Regionais. **Conselho Federal de Psicologia**, Brasília-DF, 2001.

DELEUZE, G. **Conversações**. 3 ed. Tradução de Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.

DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. São Paulo: Hedra, 2013. 488 p. Tradução de: Machado de Assis e Ricardo Lísias.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Em Defesa da Sociedade**: curso no collège de France (1975 – 1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

FREUD, S. Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. 1910 In: \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira** das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HECKERT, Ana Lúcia Coelho et al. Questões contemporâneas no campo das políticas educacionais: Produção comunitária, criminalização da vida e práticas de liberdade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p.479-500, 2012.

\_\_\_\_\_; ROCHA, Marisa Lopes da. A maquinaria escolar e os processos de regulamentação da vida. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, n. 24, p.85-93, 2012.

KAFKA, F. O caçador Graco. In: \_\_\_\_\_. **Narrativas do espólio (1914-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MACHADO, L. A. D.; FREITAS, M. C. A. Movimentos de medicalização na educação: entre práticas disciplinares, subjetivações e resistências. **Informática na educação**: teoria e prática, Porto Alegre, v. 17, n. 1, jan./jun., p. 45-60, 2014.

MILLOT, C. **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

ORWELL, G. **1984**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2009.

PATTO, M. H. S. “Escolas cheias, cadeias vazias” nota sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 61, p.243-266, set. 2007.

TORRES, C. A. **Diálogo com Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adestramento 9, 192

Aluno 6, 161

Alunos Surdos 6, 9, 20, 21

Aprendizagem baseada em problemas 98, 100, 106, 107

Atividades de Estudo 182

### B

Bens culturais 138, 229

### C

Capoeira 236, 237, 238, 239, 240, 242, 243

Comunidade Tradicional 22

Construtivismo 9, 192, 194, 196, 199

Coordenador Pedagógico 120

Criança surda e escola inclusiva 1

Cultura de Paz 213, 219

Currículo 128, 138

### D

Discurso 169

Diversidade cultural 128

### E

Educação 5, 1, 6, 8, 11, 12, 13, 20, 21, 22, 23, 24, 34, 35, 36, 39, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 65, 66, 71, 73, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 97, 106, 107, 108, 117, 118, 120, 121, 128, 138, 139, 147, 153, 167, 182, 183, 190, 191, 192, 193, 194, 199, 213, 214, 215, 216, 219, 220, 224, 226, 227, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 246, 248, 254, 255

Educação escolar indígena 47, 57, 58

Educação Especial 1, 8, 12, 13, 34, 35, 36, 39, 45

Educação Superior 39

Ensino bilíngue 1

Ensino de Matemática 9, 182, 183

Ética 108, 111, 112, 114, 117, 118, 119

## **F**

Fibonacci 200, 201, 202, 204, 208, 209, 210

Fonoaudiologia 3, 75, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 85

Formação Continuada 84, 85, 120, 121

Formação de professores 227

Formação Inicial 220, 224

## **I**

Inclusão 6, 3, 6, 9, 20, 21, 39, 44, 45, 46, 240, 243

Interação 59

## **L**

Laços Afetivos 148

## **N**

Nambikwara Katitauru 47, 48, 49, 50, 53, 54, 56

Narrativas de Formação 120

## **P**

Psicanálise 66

Psicopedagogia 41, 148, 149, 150, 153, 160

## **S**

Sala Anexa 47

## **V**

Visita Técnica 22, 30

## **W**

Wittgenstein 9, 192, 193, 196, 197, 198, 199



 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**